

Nascentes

Paixão e degradação
na Serra da Mantiqueira

Getúlio Martins

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Pedra Virgem

Há dias, os caminhões pesados passam em alta velocidade pela estrada estreita de terra batida levantando poeira do pó de pedra espalhado pela Prefeitura, no mês passado. Horácio Aren Domingos sentado no banco de madeira da pracinha, diante da igreja de Nossa Senhora da Piedade, em Pedra Virgem, folheia a bíblia com o dedo médio umedecido com saliva, a cada três folhas. Lentamente, como tudo naquele lugar, procura, no livro sagrado, algum sinal do novo milênio. Quem sabe o movimento de caminhões, barulho e poeira não fossem sinais de degradação previstos no livro do Apocalipse?

Heloisa protege nariz e boca com um lenço Kiss de papel triplo, enquanto aguarda na calçada para atravessar a rua movimentada que, na zona rural, é estrada também. Médica do lugar, cuida de todos, crianças, adultos e idosos, pretos e brancos com igual dedicação, como prometera ao se formar há vinte e um anos graças ao seu esforço e ao programa de cotas para negros na USP. Janice de Piedade Carvalho aguarda do outro lado da pracinha, na frente da sua casa. Batizadas no mesmo dia na igreja de São Lázaro, no alto da Serra

da Mantiqueira, chegaram, as duas, aos cinquenta anos de idade em excelente forma.

Heloisa Aren Domingos negra de cabelos cacheados com corte curto até as orelhas pequenas; rosto angular e sorriso largo exibindo dentes brancos; olhos castanhos escuros protegidos por sobrancelhas grossas; tem corpo sensual, pernas longas e elegantes. Janice é ruiva e gosta dos seus cabelos, com mechas claras, cacheados derramado sobre os ombros; olhos azuis e rosto arredondado; lábios finos sempre enfeitados com batons coloridos; tem a mesma altura, pernas e seios fartos como a amiga que espera para almoçar, trocar confidencias e preparar a festa de São João Neumann a ser realizada no primeiro mês do primeiro ano do milênio que estava começando.

Os caminhões subiam por estradas de curvas acentuadas, em forma de cotovelo, rasgadas há algumas semanas, bem no coração da serra, especialmente para passagem das máquinas, equipamentos e materiais da Toby Mineradora S/A em início da implantação da infraestrutura para extração de minérios, visando especialmente o nióbio e o grafeno, prometidos pelas pesquisas do Engenheiro Fábio Pontes de Almeida.

Um bombardeio aéreo não teria provocado tanto estrago nas matas, na topografia da serra e incomodado tanto os moradores dos sítios, pousadas e do aglomerado de casas, por causa do barulho e do movimento nas estradas. A poeira fina entrava pelos pulmões acostumados a respirar o ar puro da montanha e a poeira mais grossa entrava pelas portas e

janelas das casas se depositando sobre pisos, mesas, sofás, enfim, sujando tudo.

Assim como o pai de Heloisa, outros moradores observavam estupefatos o trânsito intenso na estrada. Não sabiam que lá em cima, na serra escondida pela neblina constante naqueles dias de verão úmido, estavam sendo iniciadas as obras de terraplenagem, construção civil, assentamento de tubulações, lançamento de cabos de eletricidade, montagem de equipamentos de perfuração de solo, esteiras rolantes e detonação de rochas. Um batalhão de operários soldava tubos, estruturas pesadas, destruíam nascentes de água arrancando e arrastando com tratores troncos imensos de árvores de espécies nativas.

Mesmo antes da emissão das licenças ambientais os trabalhos se desenvolviam a todo vapor para aproveitar o momento de alta na demanda global por metais do tipo que os engenheiros indicavam existirem ali.

A Prefeitura, de olho nos *royalties*, não só fazia vista grossa para a avalanche de infrações ambientais cometidas pela mineradora, como atendia prontamente às solicitações da empresa como fez quando reclamaram da má conservação da estrada de acesso.

No final do dia, Horácio lia, ao lado de Esther sua esposa, trechos da bíblia presente precioso da filha médica depois que aprendeu a ler. Naquela noite, leu, releu e leu de novo o Salmo 104 – O Hino ao Criador, até cantou parecido com os monges enclausurados, durante as madrugadas, nos mosteiros encravados nas florestas da Idade Média:

Bendiz ó minha alma o Senhor!
Como és grande, Senhor, meu Deus!
...
Tu envias a água das nascentes
para os rios que correm entre as montanhas.
Dessa água bebem os animais selvagens
e nela matam a sede os veados dos montes.
Nas margens dos rios fazem ninho as aves do céu:
ali chilreiam entre a folhagem!
Da tua morada, lá no alto, regas os montes;
sacias a terra com a benção da chuva.
Fazes crescer os pastos para os animais
e as plantas que os homens cultivam,
para da terra tirarem o alimento:
O vinho que lhes alegra o coração,
azeito, que lhes faz brilhar o rosto
e o pão que lhes robustece as forças...

Na simplicidade do seu entendimento das coisas da natureza, Horácio previu o risco iminente de destruição em face daquela movimentação espantosa de tantos equipamentos. Riscou com lápis, no livro, palavras do salmo: águas das nascentes para os rios; água que bebem os animais; nas margens fazem ninhos as aves; a benção da chuva; pastos para os animais; alimento da terra; pão que robustece as forças. “Impecável, todas as riquezas de Pedra Virgem estavam registradas no salmo. Não havia como não se preocupar com aquela

— |  | —

avalanche de ameaças à essas riquezas”, Horácio comentava com a esposa.

O Engenheiro Ambiental Alberto Matos de Carvalho, casado com a Janice, vinha, há tempos, se batendo contra construções irregulares nos trinta metros de largura, nas Áreas de Proteção Permanente – APP, às margens dos cursos de água, assim como supressão de espécies nativas e destruição de nascentes. Com as obras da mineradora, as irregularidades estavam assumindo proporções assustadoras. Era urgente alertar Ministério Público, Polícia Ambiental, Câmara de Vereadores e autoridades. Em Pedra Virgem, a obra do Criador estava sendo destruída.

 

Águia

À margem esquerda do ribeirão Pedra Virgem, vivia a família de Horácio Aren Domingos e Esther Santos Aren Domingos. Heloisa era a filha mais velha entre as duas mulheres e os três homens. Todos com os destinos traçados desde o nascimento, os homens: trabalho duro na roça e as mulheres: casar e ter filhos.

Aos onze anos Heloisa cuidava dos irmãos, enquanto a mãe trabalhava como doméstica na cidade, ia de manhã e voltava só à noite. No fogão à lenha onde queimava os gravetos e paus secos recolhidos pelas crianças, a menina preparava a comida: feijão, arroz, mandioca e farinha. Carne e refrigerante viam na mesa raramente, em finais de semanas especiais. Doces, as crianças ganhavam duas ou três vezes ao ano, nas festas da igreja, ocasiões nas quais se misturavam com as outras crianças da margem direita do ribeirão para brincar.

Quando se vive na miséria as necessidades são poucas e os desejos satisfeitos com pouca coisa também. Brincavam no ribeirão, corriam de vaca braba no pasto e de tudo tiravam um pouco de felicidade. O banho, no final das tardes, nas

águas frias do ribeirão, era coletivo. Heloisa esfregava, com bucha e sabão, cada corpinho sob protestos e choros. Depois, com roupa de dormir, cada um recebia o pedaço de pão duro, quando sobrava do bar do seu Elias. Sobre colchões e papéis espalhados pelo chão lutavam contra o sono, enquanto aguentavam, para ouvir histórias da irmã mais velha sobre fadas, príncipes e princesas namoradeiras. Emendavam três cobertores de lã esticados para cobrir as cinco.

À noite, às vezes eram acordadas pelo barulho da mãe e do pai. Ela com alguma comida para o dia seguinte trazida da cidade e ele embriagado pelo esgotamento físico do trabalho pesado e pela cachaça do bar do Elias, o mesmo dos pães para as crianças.

Quando entrou para a escola do bairro, Heloisa Aren Domingos passou a dividir com Antônia, a irmã dois anos mais nova, o cuidado com as crianças. A menina era a própria felicidade na sala de aula, a experiência no cuidado diário com as crianças lhe garantia vários anos de amadurecimento em relação aos demais alunos. Conquistou a simpatia dos professores e funcionários, ao mesmo tempo em que foi objeto de ciúmes dos colegas pela dedicação com que se entregava em todas as atividades da escola. Foi muito triste o dia da prisão do seu pai, bem defronte a escola, até as meninas ciumentas ficaram com pena da Heloisa, naquele dia. Conto mais adiante o motivo da prisão.

Esther Santos Aren Domingos devota de Nossa Senhora da Piedade e São Lázaro, é também Mãe de Santo, na Umbanda,

onde batizara Heloisa no mesmo dia do batizado na igreja católica. “Os rituais têm significados diferentes”, explica Esther, “enquanto no batismo católico o demônio presente na criança, devido ao pecado original cometido por Adão e Eva, é expulso, no ritual da Umbanda não se admite que ela nasça com pecado. O batismo, na Umbanda, tem a finalidade de apresentar a criança aos irmãos em Oxalá e ser recebida por todos da comunidade. A vela e a água, como no ritual católico, também são utilizadas na Umbanda, além de banha de cordeiro, pó de pomba, giz, e sal refinado. Com esses apetrechos se desenha, no peito da criança, três cruzeiros para atrair os bons espíritos. Com a banha, também no peito da criança, são riscados dois triângulos entrelaçados, o símbolo da Umbanda, a pomba é feita de pó de ervas e utilizada para banho de descarrego, limpeza espiritual e renovação das energias”.

Esther explica que coloca uma pitada de sal na boca da criança, dizendo: *“receba o sal da terra, você que não passa de um punhado de terra revivido pela vontade de Deus”*. “Pai, mãe e padrinhos sopram o giz sobre o corpo da criança, enquanto eu a consagro e abençoo, em nome de Deus” completa a Mãe de Santo e mãe de Heloisa.

No encerramento da cerimônia, com todos os participantes de roupa branca em sinal de paz e união para se alcançar a caridade e o amor, a água é despejada na cabeça da criança. A vela, luz divina e símbolo da presença do Espírito Santo ou Ifá, a mãe do bebê leva consigo, como lembrança e amuleto, a ser aceso para as orações nos momentos de dificuldade durante a vida da criança.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em janeiro de 2023.
